



## LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

# Gripe A: sim ou não?

H1N1: é, desde há alguns meses a esta parte, uma sigla que já faz parte do léxico comum.

Nesta fase em que os casos de gripe A estão a aumentar, fruto de estarmos na época de maior número de casos de gripe, fomos ver como os laboratórios clínicos estão a dar resposta a este aumento de pedidos de análises, que chegam às centenas por dia.

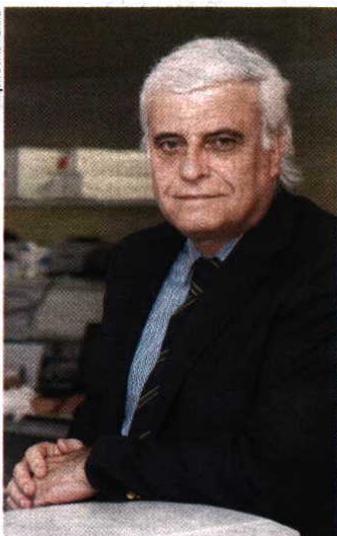
O Prof. Germano de Sousa, responsável pelo Centro de Medicina Laboratorial, em Lisboa, e presidente da Associação Nacional de Laboratórios Clínicos (ANL), aceitou ao nosso convite para entendermos como estão os laboratórios clínicos a dar resposta às análises que têm sido feitas para determinar a presença, ou não, do vírus H1N1.

O médico começa por esclarecer que «só cinco ou seis laboratórios privados no País estão capacitados para fazer a determinação e identificação da variante suína do vírus H1N1, causador da gripe A. Mas importa lembrar que a gripe não é só causada por esta variante suína. Continua a haver as variantes sazonais H1N1 e H3N2, bem como outros subtipos, todos eles responsáveis pela síndrome clínica que se designa por gripe ou influenza. Além disso, há muitas outras situações com características gripais que não têm origem no H1N1. Basta lembrar o rinovírus e o adenovírus, ou o vírus sincicial respiratório, que afecta principalmente as crianças. Actualmente, a biologia molecular possibilita a utilização de técnicas, algumas mais abrangentes do que outras, que permitem identificar qual a variante de vírus com que estamos a lidar, diferenciação essa que é importante do ponto de vista clínico e do ponto de vista epidemiológico».

**«Actualmente, a biologia molecular possibilita a utilização de técnicas, algumas mais abrangentes do que outras, que permitem identificar qual a variante de vírus com que estamos a lidar, diferenciação essa que é importante do ponto de vista clínico e do ponto de vista epidemiológico.»**

O patologista alerta para o facto de que a identificação isolada da variante suína do H1N1, ou a identificação mais completa e simultânea deste subtipo viral conjuntamente com os subtipos sazonais, obriga à utilização de técnicas de biologia molecular sofisticadas, morosas e muito rigorosas, que requerem grande investimento em material e em pessoal habilitado para a sua realização. Além disso, os procedimentos a que os técnicos labora-

toriais que trabalham em biologia molecular estão obrigados são altamente exigentes, quer pela sua segurança (além dos vírus gripais, trabalham com vírus bastante perigosos, como os das hepatites ou da SIDA), quer pela segurança das análises que estão a efectuar, de forma a evitar a sua contaminação.



Prof. Germano de Sousa

Este tema deve ser encarado com a máxima seriedade, diz o médico, e requer que não se caia na tentação da facilidade, manifestando-se contra a adopção de medidas simplistas sustentadas pela lógica de uma resposta mais rápida. «Tem havido algumas sugestões para se recorrer a uma tira que, segundo os vendedores, despidaria o vírus H1N1 e daria o resultado em apenas 30 minutos. O problema é que essa tira, que não utiliza qualquer técnica de biologia molecular, mas apenas uma técnica imunológica, é incapaz de identificar qualquer subtipo viral e apenas pode apontar para a existência ou não da presença de um vírus pertencendo à grande família da influenza.

«O problema é que dá cerca de 40 a 50% de falsos negativos e cerca de 20% de falsos positivos», sublinha Germano de Sousa. «Não é a forma correcta e fidedigna de se trabalhar, é desaconselhada pela OMS e pelas associações internacionais da especialidade e pode mesmo ser considerada má prática clínica. Eu analisei alguns destes testes e comparei com os que fiz aqui no meu laboratório e as dis-

paridades eram de tal forma grandes que é preocupante imaginar que alguém os possa usar como diagnóstico da gripe A, ou como base de despiste para determinar se faz, ou não, um teste de biologia molecular.»

**«As boas práticas clínicas recomendam que todos os testes sejam feitos com recurso aos melhores materiais, às melhores aparelhagens e a profissionais qualificados e competentes.»**

A técnica que envolve todo o processo de colheita, extracção, amplificação, ligação às sondas que reconhecem o vírus e todos os restantes passos requer, segundo o especialista, «um mínimo de oito a dez horas. No entanto, e atendendo ao facto de estarmos numa fase de grande fluxo de trabalho, o intervalo de tempo desde a entrada dos produtos de colheita para análise até à saída dos resultados, é de pelo menos 24 horas».

**Respostas eficazes sustentadas no desenvolvimento**

A actividade laboratorial exige que se lide com a melhor qualidade possível. A este propósito, Germano de Sousa recorda que «as boas práticas clínicas recomendam que todos os testes sejam feitos com recurso aos melhores materiais, às melhores aparelhagens e a profissionais qualificados e competentes. Hoje em dia, os laboratórios clínicos trabalham em condições de elevado nível, que nos permitem uma

informação clínica altamente diferenciada, o que há alguns anos seria impensável».

«A segurança, a fidedignidade e a reputação dos laboratórios de análises clínicas assentam nos investimentos que são feitos nas diversas máquinas, na optimização dos procedimentos e na formação do pessoal especializado. Obviamente que, fruto desse investimento, acabamos por obter um grande retorno em termos de funcionalidade, pois, hoje em dia, as máquinas com que operamos permitem-nos ter um espectro de opções e funcionalidades que não só nos acelera o acesso a alguns dados e resultados como nos assegura uma amplitude de opções que, até há uns anos, seria impensável», esclarece o médico, prosseguindo:

«Temos assistido, de facto, a evoluções muito interessantes, principalmente com o aparecimento das técnicas de biologia molecular, há mais de 15 anos. Na altura, era algo muito complexo. A generalização destas técnicas e a sua incorporação no dia-a-dia dos laboratórios deu origem a um salto qualitativo impar.»

**A evolução no campo da medicina laboratorial tem sido exponencial**

Relativamente a esta matéria, Germano de Sousa recorda que «de cada vez que aparece algo de novo tende a ser quase um salto quântico, com implicações profundas para melhor nas nossas práticas diárias, sustentadas por grandes investigações nas áreas da Química, da Física, da Bioquímica, da Biologia Molecular e agora da Genómica, etc. Obviamente que associada a todas estas novas técnicas está a questão dos custos e dos investimentos directos consideráveis. Mas, do outro lado, acabamos por ter uma medicina mais precisa, mais acutilante, mais rápida e mais segura, onde os grandes beneficiados destes saltos são, naturalmente e bem, os doentes».

As vantagens parecem ser evidentes, mas há que integrar estes avanços com a realidade portuguesa.

## Rede de prestadores de serviços deve estar sustentada em parcerias público/privado

Segundo Germano de Sousa, todas as unidades de saúde com aparelhos altamente sofisticados, «que depois são mal e subutilizados, é um acto de má gestão, apesar de parecer aparentemente um cenário idílico, não sendo plausível e em consonância com a nossa realidade».

Neste sentido, argumenta que «para

conseguirmos obter um Sistema Nacional de Saúde sustentado e tendencialmente gratuito para todos, deve haver uma grande parceria e planeamento estratégico de longo alcance, sustentado numa grande rede de prestadores de serviços, acima de tudo sustentado em parcerias entre os organismos públicos e privados».